

## PESQUISA EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

**Coordenador:**

Solange Wechsler (PUCCAMP)

**Participantes:**

Cícero E. Vaz (PUCRS)

Claudio S. Hutz (UFRGS)

Denise Bandeira (UFRGS)

Elisa Yoshida (PUCCAMP)

Elisabeth do Nascimento (UnB)

Iraí Cristina Bocatto Alves (USP)

Luiz Pasquali (UnB)

Marcelo S. A. Tavares (UnB)

Vera Figueiredo (UnB)

## VARIÁVEIS SIGNIFICATIVAS NA AVALIAÇÃO DA INTELIGÊNCIA.

*Irai Cristina Boccato Alves*  
*Universidade de São Paulo*

Algumas variáveis têm mostrado uma influência significativa nos resultados de testes de inteligência, o que leva à necessidade de considerá-las e controlá-las em estudos sobre esse tema. Entre essas variáveis podemos destacar o nível sócio-econômico, a idade, o sexo e o grau de escolaridade, principalmente em pesquisas com crianças. O nível sócio-econômico, pode ser controlado através da profissão e escolaridade dos pais, pela renda familiar ou pelo tipo de escola frequentada pela criança. Essa variável mostrou ser relevante no Teste de Goodenough, nas Matrizes Progressivas Coloridas de Raven e na Escala de Maturidade Mental Colúmbia, onde as crianças de nível sócio-econômico mais baixo apresentaram resultados inferiores aos das crianças de nível sócio-econômico mais alto. Entretanto, quando consideramos a variável sexo, há uma certa variação nos resultados, conforme o teste estudado. Foram constatadas diferenças significantes entre os sexos no Teste de Goodenough e no Teste R-1, mas não houve diferenças nos testes de Raven e Colúmbia. Uma variável cujo efeito é esperado e que sempre deve ser considerada na avaliação da inteligência de crianças é a idade cronológica, pois os resultados nos testes devem aumentar à medida que a criança cresce. O mesmo ocorre com relação à escolaridade, tanto quando se considera séries consecutivas, como entre níveis de escolaridade. No caso de testes para adultos, como é o caso do R-1, encontra-se um aumento nas médias, conforme aumenta o nível de escolaridade. A partir dos aspectos apresentados alerta-se para a necessidade de estabelecer normas separadas para os testes de inteligência para cada uma das variáveis que influem sobre os seus resultados, a fim de não se cometer erros na avaliação.

### CRITÉRIO PARA CLASSIFICAÇÃO DE DETALHE COMUM - D - NA TÉCNICA DE ZULLIGER (Z-TESTE)

*Cícero Emídio Vaz,*  
*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

Uma resposta emitida pelo examinando no Z-Teste se classifica como *global*, quando é localizada na mancha inteira (G), resposta de detalhe comum quando a resposta é dada com certa frequência num detalhe da mancha (D), ao passo que a resposta localizada em detalhe de muito pouca frequência é classificada como Detalhe Incomum (Dd). Não há dificuldades para o psicólogo efetuar a classificação das Globais. A discussão se

estabelece diante da questão: o que é um Detalhe Comum para este ou aquele país, a esta ou àquela região continental ou nacional, a este ou àquele tipo de paciente? O próprio Rorschach (1921) não usou a estatística para fundamentar o conceito Detalhe Comum em critérios mais sólidos. "As D" - diz ele - "são detalhes que mais se evidenciam em virtude da distribuição das figuras no espaço da prancha (...) são, a grosso modo, as respostas mais freqüentes, (...) com normas estatísticas conhecer-se-á a maioria destes detalhes normais". Loepfe (1925) foi o primeiro a utilizar o critério estatístico para a classificação das respostas dadas numa área da mancha em relação ao total das respostas desse mesmo Cartão. Estabeleceu como critério, que se classificam como D as respostas ocorridas numa área que atinjam pelo menos 4,55% do total das respostas dadas em determinada área da mancha no Cartão, na razão crítica, por conseguinte, de 1/22. Loosli-Usteri (1957) analisando 63 protocolos de escolares de Genebra também adotou a razão crítica de Loepfe. Anzieu (1961) afirma que "Será D todo corte interpretado em uma Prancha, pelo menos uma vez em 22 ou uma vez em 24, segundo os autores". No Brasil, Quintela (1955) adotou a razão crítica de 1/22. A razão crítica mais consensual usada para o Rorschach no Brasil vem sendo 1/25 (Augras, 1969; Jacquemin, 1977; Vaz, 1997). Aplicamos o Z-Teste coletivo em 1078 pessoas consideradas normais, distribuídas por sexo, capital e interior do Rio Grande do Sul, três níveis de instrução, 22 atividades profissionais. O desempenho no teste foi de 7123 respostas, com média de 6,64, desvio padrão 3,19 e variância 10,17. O Rorschach contém 10 cartões e o Z-Teste apenas 3. Esta e outras razões nos obrigaram a escolher como critério para D a razão crítica de 1/48, (2,6%). Na prática isso corresponde a: D quando 2,6 pessoas - situação de pesquisa - em 100 que, diante de um determinado cartão, escolhem a mesma área da mancha para localização de uma resposta.

### AVALIAÇÃO DE PROGRAMAS SOCIAIS: UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA

*Denise Ruschel Bandeira*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

A política social brasileira tem se mostrado permeada de problemas, não se fundamentando na realidade social, caracterizando-se pela fragmentação de ações e instituições, além de gastos excessivos e desperdício de recursos. Sua população alvo não tem sido bem estabelecida, o que dificulta ainda mais essa situação. No nosso país, essa população deveria envolver necessariamente a criança ou adolescente em situação de risco, cuja definição também não é precisa e é bastante influenciada por questões culturais. Essas dificuldades reforçam a idéia de que a realização de avaliações dos programas que visam

a trabalhar a realidade social brasileira também está caracterizada por problemas. Somente uma avaliação pode dizer com mais precisão se os programas devem ser mantidos, modificados, ou mesmo, extintos. Depara-se, então, com um problema ainda mais específico que é a falta de embasamento teórico de tais programas e, mesmo, de modelos de avaliações. Tendo em vista que tais modelos, quando existem, provêm de outras culturas, em especial, a norte-americana, pensa-se na necessidade de se criar um modelo que envolva uma avaliação abrangente, contextualizada, não deixando de lado as necessidades individuais nem desconsiderando a influência que o ambiente, desde a família do participante no programa, seus colegas e, mesmo, questões sociais mais amplas, possa gerar no participante. Dentro dessas características, a abordagem ecológica pode ser uma opção. Neste trabalho, pretende-se, então, apresentar um modelo teórico para avaliação de programas, baseado no modelo ecológico. Para ilustrar tal proposta, serão apresentados os conhecimentos e dados obtidos até o momento com as avaliações realizadas num programa chamado Projeto Oficina Escola, um projeto profissionalizante, destinado a adolescentes em situação de risco, desenvolvido no Rio Grande do Sul, pela Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre (TRENSURB). Essas avaliações foram realizadas com instrumentos psicológicos tradicionais e foi demonstrada a sua não efetividade em programas desse tipo. Pretende-se, então, apresentar essas críticas e sugerir instrumentos mais adequados e contextualizados. (FAPERGS)

### AVALIAÇÃO DE MUDANÇA EM PROCESSOS TERAPÊUTICOS

*Elisa Medici Pizão Yoshida*  
*Pontificia Universidade Católica de Campinas*

No curso dos últimos anos, o estudo das psicoterapias tem sido marcado pela retomada de interesse pelos métodos de investigação intensiva do processo terapêutico. Destacam-se as pesquisas voltadas para a compreensão dos fatores que facilitam a mudança. Baseiam-se usualmente na análise intensiva de caso único, identificando regularidades características dos estados mentais, padrões de conduta, assim como interacionais, que são associados com mudança ou estagnação. Ao contrário do estudo de caso tradicional, as atuais pesquisas contam com instrumentos de avaliação desenvolvidos segundo referencial teórico específico em que conceitos metapsicológicos são definidos operacionalmente. No caso específico da abordagem psicodinâmica, têm sido propostas escalas que visam medir fenômenos tais como: transferência, contra-transferência, mecanismos de defesa, qualidade da relação terapêutica, entre outros. Dependem, em geral, da avaliação de juizes independentes, clinicamente experientes na técnica avaliada, que se baseiam em gravação

em vídeo e/ou audio das sessões de terapia, além de considerarem o contexto. Aplicadas aos processos terapêuticos estas escalas têm permitido o estudo exaustivo de processos terapêuticos e a obtenção de julgamentos baseados em construtos que evidenciam validade preditiva, além de gozarem de precisão entre avaliadores. No Brasil, estudos desta natureza são ainda incipientes, estando a demandar o esforço dos pesquisadores da área. Objetivando contribuir para a superação deste estágio apresenta-se pesquisas envolvendo o uso das seguintes escalas: "Defense Mechanisms Rating Scales", "Rutgers Psychotherapy Progress Scale" e "Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada - Redefinida". A primeira, desenvolvida por J. C. Perry permite avaliação qualitativa e quantitativa dos mecanismos de defesa de pacientes submetidos a entrevistas clínicas. Apresenta definição operacionalizada de 28 mecanismos de defesa, divididos em sete níveis de maturidade do Ego e permite a definição do funcionamento defensivo global a partir de um escore global. A "Rutgers Psychotherapy Progress Scale", proposta por um grupo de pesquisadores da Rutgers University, destina-se a medir o processo de melhora do paciente conforme conceito descrito na literatura psicanalítica. Consiste de oito itens que avaliam cinco domínios que expressam progresso ou estagnação, em cada bloco de cinco minutos de transcrições de sessões psicoterapêuticas. A "Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada - Redefinida", de R. Simon, propõe-se a fornecer uma medida da configuração adaptativa de sujeitos a partir da avaliação da qualidade da adaptação de dois setores da personalidade: afetivo-relacional e produtividade. Uma avaliação qualitativa permite ainda, a avaliação dos setores orgânico e sócio-cultural.

### A AVALIAÇÃO CLÍNICA DO NARCISISMO UTILIZANDO O TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA E O INVENTÁRIO DE PERSONALIDADE NARCISISTA

*Marcelo Tavares*  
*Universidade de Brasília*

O termo *narcisismo* assumiu cada vez mais um lugar de destaque, não só nas teorias psicanalíticas, mas em vários setores do pensamento psicológico contemporâneo, desde 1914, quando Freud o utilizou pela primeira vez. Ampliando as concepções da abordagem psicanalítica clássica, dois autores, Kohut e Kernberg, descreveram o narcisismo como uma estrutura psicológica diferenciada e desenvolveram teorias e técnicas de intervenção clínica para se lidar com este quadro. Não obstante as diferenças entre estes dois autores, seus trabalhos foram influentes a ponto de fazer o narcisismo vir a ser considerado um quadro nosológico específico. A partir do debate por eles

iniciado, o que é hoje chamado de *Transtorno da Personalidade Narcisista* veio a ser finalmente legitimado com a sua inclusão no DSM-III em 1979. Apesar do destaque que tem recebido em artigos teóricos e em estudos de casos de fundamentação psicanalítica, pouco tem sido feito para desenvolver e estudar a confiabilidade de instrumentos ou de procedimentos para a avaliação do narcisismo. Neste trabalho revemos as principais estratégias que têm surgido desde então na literatura internacional para avaliação deste quadro. Estes procedimentos utilizam uma diversidade de métodos qualitativos e quantitativos (auto-relato, avaliação por juizes ou terceiros, análise de conteúdo, técnicas projetivas, etc.). Comparamos e discutimos os seus méritos e justificamos, com base nesta discussão, a escolha pelos procedimentos que utilizamos. O primeiro -- o *Teste de Apercepção Temática* (TAT), uma técnica projetiva -- adquire valor clínico fundamental ao permitir uma análise da estrutura, da psicodinâmica e dos aspectos relativos ao *self* e às relações objetais do sujeito. O segundo -- o *Inventário de Personalidade Narcisista* (NPI), um questionário -- tem sua vantagem principal em ser um instrumento de fácil aplicação e análise, com itens que guardam uma relação de conteúdo com os conceitos objeto deste estudo. Em seguida, apresentamos a análise de prontuários de TAT de sujeitos considerados altamente narcisistas tomando como critério o NPI, que foi padronizado para este estudo. Os resultados são discutidos tendo em vista as teorias psicodinâmicas do narcisismo e suas implicações para a avaliação clínica e para o psicodiagnóstico por meio da entrevista clínica, de métodos projetivos ou de questionários.

### AVALIAÇÃO MULTI-DIMENSIONAL DA CRIATIVIDADE

*Solange Wechsler*

*Pontifícia Universidade Católica Campinas*

A necessidade de se avaliar os múltiplos aspectos que possui um traço ou uma habilidade psicológica tem sido, cada vez mais, recomendada na literatura. Esta possibilidade permite compreender, um pouco mais, a complexidade do fenômeno psicológico como também possibilita uma avaliação mais completa das diversas manifestações do traço a ser mensurado. Da mesma maneira, coloca-se a questão da avaliação quantitativa e qualitativa do fenômeno psicológico e da síntese imprescindível dos processos metodológicos. Estes foram os princípios norteadores deste trabalho para a avaliação da criatividade, onde foram considerados a pessoa, o processo e o produto criativo. Tendo este objetivo, foram buscadas as experiências internacionais na área da avaliação da criatividade para validação de instrumentos como também foram construídos novos instrumentos para mensuração de outros construtos. As amostras nestes estudos têm sido

indivíduos considerados como altamente criativos, usando-se como critério as premiações recebidas, contrastando-se com indivíduos pouco criativos. Os testes "Pensando Criativamente com Figuras" e "Pensando Criativamente com Palavras" de Torrance foram validados neste processo como também foram construídos novos instrumentos "Estilos de Pensar e Criar" e "Adjetivos Auto-Descriutores". Além destas medidas, avaliadas em formas de respostas abertas à estímulos semi-estruturados e escalas, foram elaborados questionários para avaliação qualitativa do potencial criativo individual. Pretende-se ainda anexar outras medidas a esta bateria para avaliar a criatividade corporal, musical, etc., a fim de permitir uma compreensão mais ampla da criatividade por meio de uma bateria multi-dimensional. Esta metodologia de trabalho exemplifica a linha de atuação do Laboratório de Avaliação de Medidas Psicológicas da PUCCAMP, que visa a oferecer uma vasta amplitude de instrumentos validados para a nossa cultura, permitindo assim uma avaliação dos traços psicológicos de forma mais completa, ética e de qualidade científica. (CNPQ,CEAP/PUCCAMP)

### TESTE DE INTELIGÊNCIA WISC-III: ADAPTANDO PARA POPULAÇÃO BRASILEIRA

*Vera L.M. Figueiredo*

*Sílvia Pinheiro*

*Universidade Católica Pelotas*

*Elizabeth do Nascimento*

*Universidade Federal de Minas Gerais*

O teste de inteligência WISC-III (Wechsler Intelligence Scale for Children - Third Edition), editado em 1991, nos Estados Unidos, pela Psychological Corporation, consiste na terceira edição do WISC original, de 1949. Embora mantenha as características essenciais do WISC e de sua revisão, WISC-R de 1974, o WISC-III proporciona dados normativos atualizados e algumas mudanças nos procedimentos de aplicação, no conteúdo e no material do teste. Desde sua publicação até o ano de 1997 encontrou-se 182 referências de trabalhos estrangeiros, nas áreas da psicologia, da educação e da saúde que utilizaram o teste como instrumento de pesquisa. No Brasil, encontra-se o instrumento na sua edição original ou na tradução argentina, publicada pela editora Paidós e vários trabalhos estão sendo desenvolvidos, com traduções individuais. Com o objetivo de adaptar a referida escala de inteligência para que possa ser utilizada pelos profissionais brasileiros, de forma adequada, a pesquisadora, por ocasião de sua dissertação de mestrado (PUCRS), iniciou o trabalho de adaptação do WISC-III que consistiu na tradução do material original e na aplicação dos subtestes verbais a uma amostra de 116 crianças, entre 6 a 16 anos, da rede de ensino público e privada, da cidade de Rio Grande

(RS). Atualmente, o projeto de adaptação do teste está sendo continuado como pesquisa de seu doutorado e o instrumento, em versão experimental, foi aplicado a outra amostra-piloto formada por 103 crianças, na faixa etária entre 6 a 16 anos, da rede de ensino pública e privada da cidade de Pelotas (RS). Paralelamente, já foram, também, realizadas as análises semântica e de juízes. Pode-se concluir que o teste parece adequar-se a nossa cultura desde que algumas alterações sejam efetuadas no que se refere à ordenação dos itens e à substituições necessárias de algumas questões nos subtestes verbais. Nas análises referentes às características psicométricas do teste, observou-se resultados semelhantes aos obtidos, pelo autor, na adaptação original. A partir destes dados, uma nova forma experimental do instrumento está sendo organizada para ser aplicada a mostra de 600 crianças, com as mesmas características das amostras anteriores quando, então, proceder-se-á as análises referentes a validade e fidedignidade do teste, a análise empírica dos itens e, ainda, ao estabelecimento de normas provisórias. (Pesquisa financiada pela UCPel e CNPq)

#### O DESENVOLVIMENTO DE MARCADORES PARA A AVALIAÇÃO DA PERSONALIDADE NO MODELO DOS CINCO GRANDES FATORES

*Claudio S. Hutz, Alice Silveira  
Jovana Serra, Carlos Nunes  
Márcia Anton & Luciane Wieczorek  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

O objetivo deste trabalho foi desenvolver e validar, para uso no Brasil, um instrumento de avaliação da personalidade, funcionalmente equivalente ao inventário de Goldberg, no contexto do modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF). Este modelo é uma versão moderna da Teoria de Traço que representa um avanço conceitual e empírico no campo da personalidade, descrevendo dimensões humanas básicas de forma consistente e replicável. Os cinco fatores não emergem apenas em instrumentos desenvolvidos com a finalidade de identificá-los. Os principais questionários e inventários de avaliação da personalidade, desenvolvidos com base em várias teorias da personalidade (por exemplo, o 16-PF, o MMPI, a escala de Necessidades de Murray, o California Q-Set, as escalas de Comrey, entre outros), quando submetidos a análises fatoriais, isoladamente ou em conjunto, produzem soluções compatíveis com o modelo CGF. Participaram deste estudo 976 estudantes de diversas universidades da região sul do Brasil, de ambos os sexos. Os sujeitos se auto-descreveram, respondendo a um instrumento previamente desenvolvido, que continha 96 termos (adjetivos) obtidos através de um estudo piloto que examinou cerca de 180 descritores de traços frequentemente utilizados em português. Esses termos foram também julgados por

juízes como descritores dos cinco fatores. Análises fatoriais, utilizando diferentes métodos de extração, mostraram que uma solução de 5 fatores é apropriada. Independentemente do método de análise, a estrutura fatorial dos itens se mantém estável. Os fatores extraídos correspondem aos descritos na literatura, porém a ordem em que foram extraídos é diferente. O primeiro fator foi "Nível de Socialização ("agreeableness"), seguido por "Extroversão", "Escrupulosidade" ("conscientiousness"), "Neuroticismo" e "Abertura para Experiência". As análises fatoriais e análises de consistência externa permitiram elaborar escalas de 12 itens para cada fator. Acredita-se que estes marcadores permitirão reinterpretar a estrutura fatorial de outros instrumentos de avaliação da personalidade em uso no Brasil e desenvolver novos testes de personalidade baseados no modelo CGF, apropriados a nossa cultura (CNPq).

#### VALIDADE: UMA CONCEPÇÃO PSICOLÓGICA

*Luiz Pasquali, UnB  
Universidade Federal de Brasília*

O materialismo que assolou a epistemologia da ciência desde a concepção do mundo máquina (relógio) de Newton, impregnou a Psicologia através do behaviorismo. Esta visão do mundo e das ciências em geral tem produzido progressos iniciais espetaculares no conhecimento da natureza, razão pela qual, aliás, ela se manteve tanto tempo. Contudo ela parece ter atingido definitivamente seu nível de incompetência, inclusive, no caso da Psicologia, desertificando o pensamento teórico na área, que aparece hoje nas ciências como o único a permitir progresso ulterior nas mesmas. Desta mesma visão tem sofrido a Psicometria, que perdeu de vista o próprio conceito de validade dos testes, por exemplo. Aliás, a validade deles foi relegada a segundo plano, sendo substituída pelo parâmetro de precisão. Por que tal ocorreu? Porque, na visão materialista do behaviorismo, o ser humano foi reduzido à unidade material, isto é, o comportamento físico. E a medida do comportamento físico se faz através de outro comportamento físico. Nesta manobra, o instrumento que vai medir o comportamento é composto de comportamentos e, portanto, o que é importante no instrumento é que ele seja calibrado, isto é, preciso. Nada mais justo. Entretanto, o problema da medida é bem mais fundamental, porque nós utilizamos um instrumento, composto sim de comportamentos físicos, mas para medir processos psicológicos, isto é, não físicos. Mas isto já implica em admitir a dualidade do ser humano, portanto, uma visão contrária à do behaviorismo. De qualquer forma, o conceito de validade somente funciona dentro do contexto da dualidade do ser humano, porque ela se refere à questão da representação e não à questão da calibração. Fala-se de validade de um instru-

mento quando ele for demonstrado que representa legitimamente o objeto que mede, mesmo quando a natureza deste é diferente do conteúdo do próprio teste. O metro, por exemplo, mede comprimento e ele mesmo é composto de comprimento. Um teste mede inteligência, mas não é composto de inteligência; ele é composto de tarefas, isto é, comportamentos inteligentes. O fato dele ser composto de comportamentos inteligentes deve ser demonstrado cientificamente, e este é o problema da validade. A Psicometria moderna, a da Teoria da Resposta ao Item (TRI), explicitamente descarta a posição behaviorista, quando assume como critério fundamental dos

instrumentos psicológicos o traço latente (o theta). Infelizmente, este parâmetro é entendido pela TRI ainda como um simples parâmetro estatístico, o que é suficiente para as deduções matemáticas, mas não é suficiente para a Psicologia, já que esta trabalha com processos psicológicos, isto é, realidades psicológicas e não puros parâmetros formais estatísticos. Cronbach já em 1951 apelava para a necessidade de um novo fundamento teórico para os testes baseados no que ele cunhou de validade de construto e, felizmente, a TRI permite elaborar esta preocupação de Cronbach.